

O idoso brasileiro no Mercado de Trabalho

I - Introdução

A análise da participação do idoso nas atividades econômicas tem um caráter diferente das análises tradicionais de mercado de trabalho. A preocupação central não é com a pressão que o idoso possa fazer no mercado de trabalho mas a de analisar a sua participação como um indicador de sua dependência (ou não). Reconhece-se, no entanto, que em algumas atividades econômicas o trabalho do idoso, que é muitas vezes aposentado, concorre com o trabalho do jovem. Pelo fato de ele ser idoso e até aposentado, traz vantagens para o empregador. Um outro ponto importante diz respeito à contribuição que os idosos aportam à renda familiar. Em 1997, em média, um idoso contribuía com 52% da renda das famílias em que vivia. Finalmente, não se pode deixar de salientar que o envelhecimento populacional já está afetando a composição etária da População Economicamente Ativa (PEA) brasileira.

Por população idosa, está se considerando neste trabalho a população de 60 anos e mais. Os dados utilizados são os da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1977 a 1997. O trabalho está dividido em seis seções, sendo esta introdução a primeira. Na Seção 2, descrevem-se as tendências de participação do idoso brasileiro nas atividades econômicas. As características da PEA idosa são apresentadas na Seção 3. Os rendimentos desse segmento populacional são considerados na Seção 4. A Seção 5 analisa a importância do trabalho do aposentado na PEA e na sua renda. Finalmente, na Seção 6 discutem-se os principais resultados.

2 - Participação do Idoso Brasileiro nas Atividades Econômicas

2.1 - Nível de Atividade

A experiência internacional mostra que entre 1960 e meados da década de 80 a taxa de atividade da população de 55 anos e mais declinou em vários países desenvolvidos. Essa era inversamente associada à urbanização, desenvolvimento econômico-industrial, ampliação da cobertura previdenciária etc. [ver Duran (1975)]. Desde então, essa taxa se estabilizou em alguns desses países e em outros, como

Austrália, Estados Unidos e Japão, aumentou no início dos anos 90 [ver Kuroda (1997, p. 8)]. Não se sabe até que ponto esse aumento é resultado do crescimento da esperança de vida ou das dificuldades de se obter aposentadoria por parte desse segmento.

Uma avaliação das tendências temporais de participação da população idosa brasileira no mercado de trabalho é dificultada pelas mudanças nos conceitos de trabalho entre as várias PNADs e pela alteração havida na distribuição etária dentro do grupo idoso. As mudanças conceituais foram mais significativas a partir de 1992 e os efeitos da distribuição etária acentuam-se ao longo do tempo. Para reduzir o impacto das mudanças conceituais na comparação temporal, foram eliminadas da PEA as pessoas que declararam ter trabalhado para autoconsumo.

Os Gráficos 1 e 2 mostram a evolução das taxas específicas de participação da população brasileira por sexo nas PNADs de 1977, 1987 e 1997. Com relação à população masculina idosa, a tendência revelada pelos dados é de uma quase constância na sua participação no período 1977/97. Na verdade, a participação do grupo etário 60-64 anos diminuiu no período e a dos grupos de idades mais elevadas aumentou, mas nenhum dos dois movimentos foi expressivo. Quanto à participação feminina, os dados sugerem uma tendência ligeiramente crescente no tempo de participação, depois de um decréscimo entre 1977 e 1987. Embora se reconheça que a participação feminina possa estar sendo mais afetada pelas mudanças conceituais, acredita-se que tenha havido realmente um aumento da participação feminina pelo efeito coorte. Quer dizer, esse aumento deve estar refletindo a entrada maciça das coortes mais jovens no mercado de trabalho no passado.

Mais importante do que um crescimento no nível de atividade econômica, tem se verificado um aumento na participação da PEA idosa no total da PEA brasileira. Em 1977, 4,5% da PEA brasileira eram compostos de idosos. Em 1997, essa proporção dobrou tendo atingido 9%. Se se considerar ape-

* Da Diretoria de Estudos Sociais do IPEA

nas o efeito das tendências demográficas, ou seja, do envelhecimento populacional, pode-se esperar um crescimento intenso desse contingente, o que pode vir a representar 13% da PEA brasileira no ano 2020 [ver Wajman (1999, p. 184)]. Por outro lado, se se considerar uma continuação na queda das taxas de atividade masculina e projetar um aumento nas taxas de atividade feminina provocados pelo ingresso das coortes mais jovens no mercado de trabalho no passado recente, estima-se que aproximadamente 11% da PEA brasileira serão constituídos de idosos.

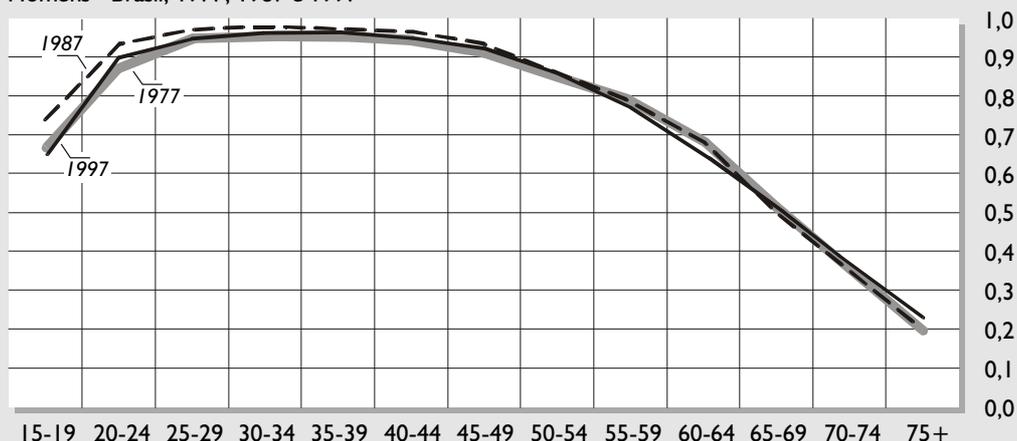
Tomando por base apenas os dados de 1997, observa-se que as taxas de atividade dos idosos na semana de referência da PNAD eram mais baixas do que a dos adultos, especialmente entre mulheres, como mostram os Gráficos 1 e 2. Em 1997, entre os homens de 60 e 75 anos, as taxas de atividade variavam entre 65% e 37%, o que mostra a velocidade da queda da participação dos idosos no mer-

cado de trabalho com a idade. As taxas de atividade femininas são bem mais baixas do que as masculinas e são também bastante afetadas pela idade.

2.2 - O Idoso Aposentado que Trabalha

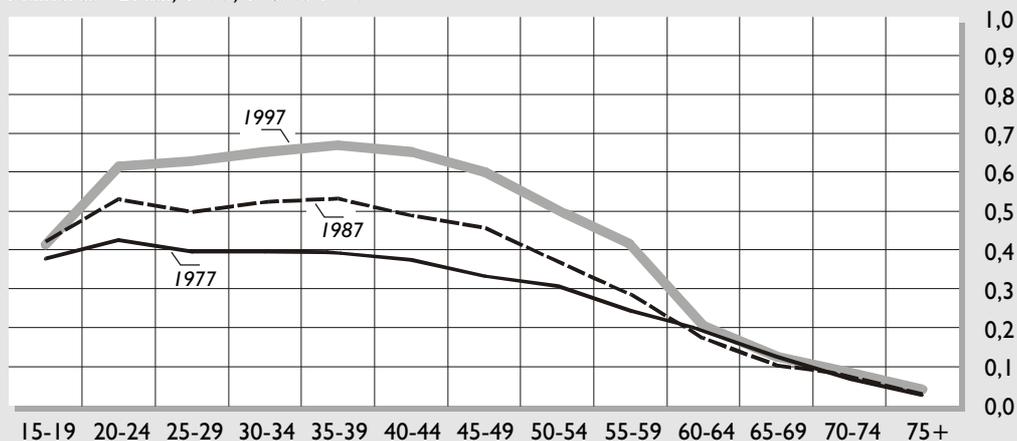
Parte expressiva da PEA idosa de 1997 era composta de pessoas já aposentadas, parcela essa crescente ao longo do tempo. Essa é uma característica muito particular da sociedade brasileira. Em geral, a aposentadoria significa retiro profissional, o que é expresso pelos próprios termos utilizados, *retirement*, *retraite*, *retiro etc.* [ver Beltrão e Oliveira (1999, p.308)]. No caso da PEA masculina, apenas 45,6% não eram aposentados; os restantes 54,4% eram constituídos por aposentados que continuaram trabalhando. A participação dos aposentados masculinos na PEA cresceu substancialmente em relação a 1977. Nesse ano, aproximadamente 25,4% da PEA masculina eram formados por aposentados. No caso da PEA feminina, a proporção de aposentadas era menor do que na

GRÁFICO 1
Taxas Específicas de Atividade
Homens - Brasil, 1977, 1987 e 1997



Fonte: IBGE, PNAD's 1977, 1987 e 1997.

GRÁFICO 2
Taxas Específicas de Atividade
Mulheres - Brasil, 1977, 1987 e 1997



Fonte: IBGE, PNAD's 1977, 1987 e 1997.

PEA masculina — 34,7% em 1997, mas triplicou em relação a 1977, quando foi de 13,2%.

O aumento da parcela da PEA constituída por aposentados pode estar refletindo, por um lado, a maior cobertura do benefício previdenciário e, por outro, o aumento da longevidade conjugado com melhores condições de saúde, que permitem que uma pessoa ao atingir os 60 anos possa com facilidade exercer uma atividade econômica. Assim, a contratação de um idoso apresenta para o empregador algumas vantagens em termos de custos relativamente à contratação de um jovem. Por exemplo, o empregador não precisa pagar vale-transporte para o maior de 65 anos. O idoso, por exemplo, pode também, com mais facilidade, aceitar um emprego com baixas garantias trabalhistas, especialmente se é aposentado.

3 - Algumas Características da PEA Idosa

A Tabela I apresenta algumas características da PEA idosa por sexo e condição previdenciária procurando, na identificação de diferenças entre as pessoas que trabalham e as que não trabalham, inferir alguns dos motivos que levam as pessoas idosas e aposentadas a trabalhar. Como esperado, a PEA masculina aposentada era mais velha do que a não-aposentada, em média quatro anos. Por sua vez, dentre os aposentados, os integrantes da não-PEA eram também em média quatro anos mais velhos do que os da PEA aposentada. Os homens integrantes da PEA possuíam um nível de escolaridade mais elevado do que os classificados como não-PEA. Essa diferença se torna inclusive maior quando se compara entre os não-PEA os aposentados e os não-aposentados (outros).

Em termos de horas trabalhadas, a Tabela I mostra que os aposentados trabalharam menos do que os não-aposentados, o que provavelmente se explica pelo fato de que mais da metade dos aposentados que trabalhava o fazia nas atividades agropecuárias. Entre os não-aposentados, a maior proporção estava lotada no setor terciário. Nas atividades agrícolas, encontrava-se aproximadamente 1/3 da PEA masculina não-aposentada.

Em linhas gerais, o comportamento das mulheres idosas no que tange às variáveis consideradas anteriormente não difere muito do dos homens, conforme mostra a Tabela I. As que apenas trabalhavam eram mais novas do que as aposentadas que trabalhavam, as quais, por sua vez, eram mais novas do que as apenas aposentadas. Em média, as mulheres aposentadas eram mais velhas do que os homens na mesma categoria. A escolaridade apresentou um comportamento inverso ao da idade. As mais educadas eram aquelas que trabalhavam e não eram aposentadas, e as menos educadas eram as que trabalhavam menos, independentemente de serem aposentadas ou não.

As mulheres trabalhavam menos, se medido pelo número de horas trabalhadas, do que os homens. Se se compara as aposentadas com as não-aposentadas, as diferenças na média de horas trabalhadas não são muito expressivas. O que diferencia as mulheres nas duas categorias é o setor de atividades. Aproximadamente 3/4 das mulheres não-aposentadas estavam lotados nas atividades do setor terciário. Entre as aposentadas, esse percentual caiu para menos da metade, e a proporção das que trabalham na agricultura aumentou de 18,4% para 46,3%.

TABELA I

BRASIL:
Idade, Anos de Estudo, Média de Horas Trabalhadas e Setores de Atividade dos Aposentados e Não-Aposentados segundo Condição na Atividade e Sexo - 1997

CONDIÇÃO NA ATIVIDADE	CARACTERÍSTICAS			SETORES DE ATIVIDADE		
	IDADE MÉDIA	ESCOLARIDADE MÉDIA	MÉDIA DE HORAS	AGROPECUÁRIO	INDÚSTRIA	TERCIÁRIO
<i>População Masculina</i>						
PEA Pura	64	3,2	44	34,0	19,3	46,6
PEA Aposentada	68	3,3	40	54,7	10,8	34,5
Não-PEA Aposentada	72	3,3				
Outros	67	2,3				
<i>População Feminina</i>						
PEA Pura	65	3,6	31	18,4	6,2	75,4
PEA Aposentada	66	3,2	30	46,3	6,3	47,4
Não-PEA Aposentada	71	2,7				
Outros	69	2,7				

Fonte dos dados brutos: IBGE - PNAD 1997

4 - Rendimentos

4.1 - Visão Geral

O Gráfico 3 apresenta o rendimento médio de todas as fontes da população brasileira por sexo e grupos de idade em 1997. Conforme esperado, os rendimentos médios da população idosa decresceram com a idade mas se situaram num patamar mais elevado do que o da população jovem. Por exemplo, os rendimentos médios dos homens cresceram com a idade até os 45-49 anos, decrescendo a seguir. O mais baixo rendimento percebido pela população idosa foi pelo grupo que tinha mais de 80 anos e era maior do que o percebido pela população menor de 25 anos. Já o grupo de 60 a 64 anos tinha uma renda mais elevada do que a população menor de 35 anos.

O comportamento da curva de rendimentos da população feminina diferia da masculina como mostra o Gráfico 3. Em primeiro lugar, os rendimentos absolutos eram bem mais baixos. Em segundo, esses cresceram com a idade até o grupo 40-44 anos, em que os diferenciais em relação à população masculina eram os mais elevados. A partir desse grupo de idade, os rendimentos médios recebidos declinaram ligeiramente e se estabilizaram a partir dos 55 anos. Entre as mulheres, os rendimentos da população idosa são maiores do que os da população com menos de 30 anos.

Em relação a 1970, os dados de 1997 apontam melhoras expressivas no nível de renda da população idosa, se medida pela proporção de idosos sem rendimentos. Enquanto 17,2% dos homens idosos não tinham nenhum rendimento em 1970, em 1997 essa proporção foi reduzida para 3,8%. Entre as mulheres, as mudanças foram bem mais significativas. Aproximadamente 79% das mulheres

idasas não recebiam nenhum rendimento em 1970, e em 1997 essa proporção não ultrapassou os 20% [ver Camarano *et alii* (1999, p. 59)]. É bem possível que a implementação dos benefícios de assistência social (benefícios de prestação continuada) e a expansão da previdência rural tenham desempenhado um papel importante nessa melhoria da renda dos idosos.

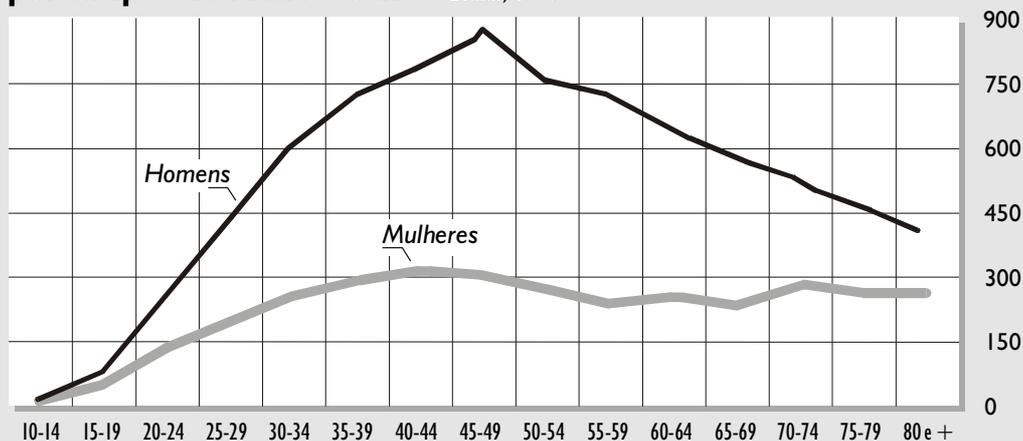
4.2 - Fonte dos Rendimentos

O Gráfico 4 mostra que a maior parte da renda dos idosos do sexo masculino em 1997 provinha da aposentadoria e essa importância cresce com a idade. O trabalho contribuiu com aproximadamente 55% da renda dos que tinham de 60 a 64 anos e com 15% nos rendimentos da população maior de 80 anos. A queda da importância da renda do trabalho foi compensada principalmente pelo aumento da contribuição da renda da aposentadoria. A importância de outras rendas também cresceu com a idade mas não ultrapassou 13% entre os maiores de 80 anos, enquanto para esse mesmo grupo etário a contribuição da aposentadoria foi de 72%.

A importância da aposentadoria na renda das mulheres é menor do que entre os homens (ver Gráfico 4). Mas se se adicionar as pensões, que são mais relevantes entre elas, a importância desse conjunto fica superior ao correspondente masculino. Esses dois benefícios foram responsáveis por 67% da renda das mulheres de 60 a 64 anos e 78% da renda daquelas que tinham mais de 80 anos. A participação da renda do trabalho na renda das mulheres não só era menor do que a correspondente na renda dos homens como é também mais afetada pela idade. Por exemplo, entre as mulheres de 60 a 64 anos, a contribuição da renda do trabalho foi de 22% e entre as de 65 a 69 anos, essa caiu para 11%, chegando a 2% entre as de 80 anos e mais.

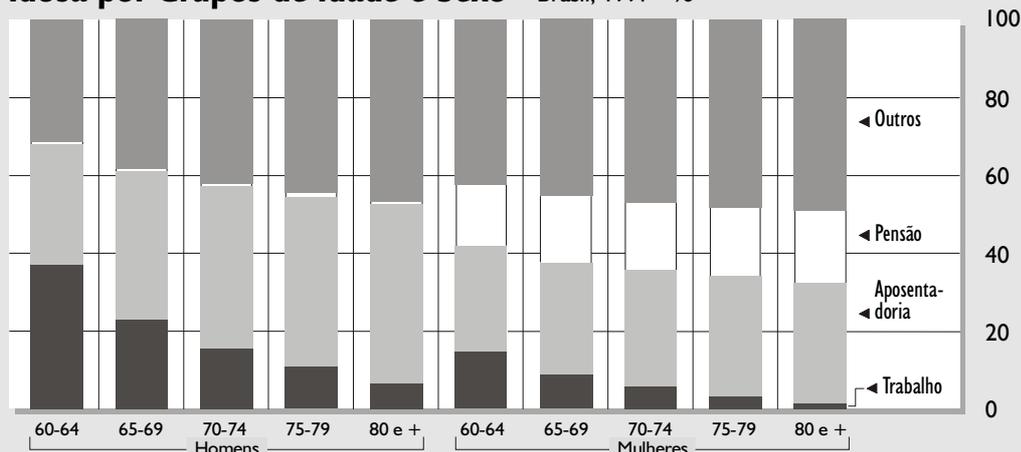
GRÁFICO 3

Rendimento Médio de Todas as Fontes da População Brasileira por Grupos de Idade e Sexo - Brasil, 1997



Fonte: IBGE, PNAD 1997.

GRÁFICO 4
Distribuição Percentual das Fontes de Rendimento da População Idosa por Grupos de Idade e Sexo - Brasil, 1997 - %



Fonte: IBGE, PNAD 1997.

A importância das aposentadorias e pensões na renda das pessoas idosas tem crescido no tempo tanto para homens quanto para mulheres. Isso pode estar refletindo um efeito-composição, ou seja, maior peso de grupos mais velhos dentro do segmento idoso e maior cobertura do sistema previdenciário. O aumento das pensões foi mais importante entre as mulheres.

O benefício previdenciário continua sendo um componente bastante representativo da renda total, mesmo para os domicílios situados nas faixas superiores de rendimentos, ao contrário da contribuição advinda dos rendimentos da ocupação principal, que somente passam a ser significativos para as famílias com rendimentos domiciliares acima de três salários mínimos [ver Camarano *et alii* (1999, p. 59)].

Dentre as várias situações em que se coloca o idoso do sexo masculino, aquela que auferir o maior rendimento é composta pelo idoso aposentado que trabalha, conforme se vê na Tabela 2. Ignorando os diferenciais nos níveis de educação, idade, condições de saúde, entre outros, em 1977 o aposentado que trabalhava tinha o seu rendimento médio aproximadamente R\$ 200 maior do que o do indivíduo não aposentado que trabalhava. Já, se o aposen-

tado não trabalhava, o seu rendimento médio diminuía R\$ 173 em relação ao do trabalhador puro. Esses dados sugerem claramente que o trabalho do idoso contribui expressivamente para a sua renda, mesmo no caso de ele ser aposentado. Isso também parece ser verdade para as mulheres. Embora o nível da remuneração das mulheres seja bem mais baixo do que o masculino, as diferenças entre as várias categorias se dão no mesmo sentido.

4.3 - A Participação da Renda do Idoso na Renda da Família

Os idosos eram responsáveis por uma contribuição importante na renda das famílias que têm idosos — 52%, como mostra a Tabela 3. Observa-se que a contribuição do idoso é diferencial por sexo. As mulheres contribuíam menos mas, mesmo assim, essa contribuição atingia aproximadamente 30% da renda familiar. Outra variável importante na determinação dessa contribuição é o fato de o idoso ser chefe ou não. Em 1997, se o idoso fosse chefe, a contribuição da sua renda na renda familiar subia para 68% e, caso contrário, declinava para 24%. Se a mulher fosse chefe, essa contribuição ainda seria maior. Mas, na categoria não-chefe, a contribuição masculina foi maior do que a feminina.

TABELA 2

BRASIL: Rendimento Médio de Todas as Fontes da População Idosa por Sexo e Categorias - 1997

Em R\$

SEXO	TRABALHADOR	APOSENTADO	TRABALHADOR E APOSENTADO	OUTROS
	PURO	PURO		
Homens	556,00	383,00	759,00	95,00
Mulheres	331,00	237,00	485,00	172,00
Total	510,00	305,00	714,00	165,00

Fonte: IBGE - PNAD 1997. Elaboração: IPEA.

TABELA 3**BRASIL:****Proporção da Renda Familiar que Depende do Idoso - 1997**

Em %

	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Chefes Idosos	67	70	68
Idosos Não-Chefes	32	23	24
Total	64	42	52

Fonte: IBGE - PNAD 1997.

5 - O Impacto do Trabalho do Aposentado

Tentou-se medir, nesta seção, o impacto do trabalho do aposentado tanto na PEA quanto na renda do indivíduo. No caso desse impacto na PEA, foram comparadas as taxas de atividade da PEA pura em 1977 e 1997 no Gráfico 5. Para a população masculina, a exclusão da PEA aposentada levaria a uma redução das taxas de participação em todas as idades. Em média, esse decréscimo teria sido de 42%. No caso da PEA feminina, também se teria observado um decréscimo nessa participação, mas esse decréscimo teria sido menor do que o feminino — em torno de 30% —, e se restringiria às mulheres da faixa etária de 60-69 anos. Esse menor decréscimo deve estar associado ao fato de ser relativamente menor o número de mulheres aposentadas.

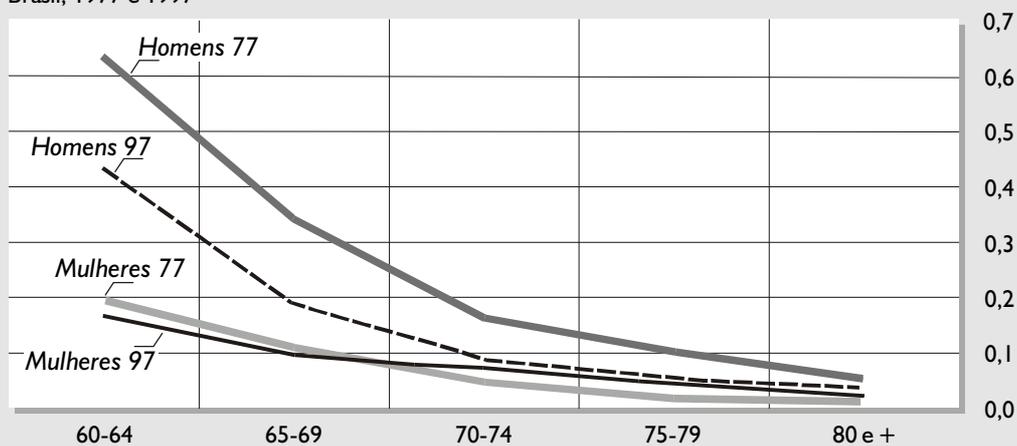
O impacto do trabalho do aposentado na sua renda também era muito importante em 1997. Calculou-se o rendimento médio dos aposentados que trabalhavam, excluindo a renda do trabalho. Nesse caso, a renda desse indivíduo, se ele fosse do sexo masculino, sofreria uma redução de 57%, ou seja, seria menos da metade. Entre as mulheres, a redução seria menor, em torno de 43% (ver Tabela 4). Uma pergunta que fica para os próximos trabalhos é: em que medida o impacto desse não-trabalho influi na renda das famílias que contêm esses idosos aposentados?

6 - Comentários Finais

Do que foi visto, pode-se dizer que a participação do idoso no mercado de trabalho é importante não

GRÁFICO 5**Taxas Específicas de Atividade da PEA Idosa Pura Segundo Sexo**

Brasil, 1977 e 1997



Fonte: IBGE, PNADs 1977 e 1997.

TABELA 4**BRASIL:****Rendimento Médio dos Idosos Aposentados da PEA - 1997**

Em R\$

SEXO	RENDA DE TODAS AS FONTES MENOS RENDA DO TRABALHO PRINCIPAL	RENDA DO TRABALHO PRINCIPAL	RENDA DE APOSENTADORIA	RENDA DE TODAS AS FONTES
Homens	359,87	489,00	302,74	842,00
Mulheres	242,62	180,00	200,41	423,00

Fonte: IBGE - PNAD 1997.

só em termos de seu impacto na PEA, mas também na sua renda. Entre as variáveis consideradas que poderiam influir nessa participação, idade e educação mostraram ter um peso expressivo, apresentando a idade um efeito negativo e a educação positivo. Acredita-se que essas duas variáveis refletem condições de saúde que na verdade devem ser um dos determinantes importantes da participação do idoso no mercado de trabalho.

Uma particularidade muito específica do mercado de trabalho brasileiro é a participação do aposentado. Mais da metade dos idosos do sexo masculino e quase 1/3 dos do sexo feminino eram aposentados em 1997 e a maioria estava trabalhando na agricultura com uma jornada não muito diferente da dos idosos não-aposentados. Em que pese a idade média dos trabalhadores masculinos aposentados ser mais elevada do que a dos não-aposentados, a aposentadoria precoce (por tempo de serviço) deve ser um dos determinantes importantes dessa participação. O aumento da esperança de vida da população como resultado de melhorias em sua condição de vida não deve ser um fator desprezado.

Apresentar uma conclusão sobre a participação do aposentado no mercado de trabalho é um assunto complexo, pois, na medida em que esse compete com o jovem, muitas vezes em melhores condições, a renda do trabalho dos aposentados tem um peso bastante importante na sua renda e, provavelmente, na de suas famílias. Uma pergunta que deve ser feita é: em que medida a nova política previdenciária, que teve como um dos resultados a redução do benefício, influirá na participação do idoso no mercado de trabalho?

Bibliografia

BELTRÃO, K., OLIVEIRA, F. O idoso e a previdência rural. In: CAMARANO, A. A. (org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, p.307-318, 1999.

CAMARANO, A. A. *et alii*. Como vive o idoso brasileiro. In: CAMARANO, A. A. (org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, p.19-74, 1999.

CAMARANO, A. A., EL GHAOURI, S. K. Idosos brasileiros: que dependência é essa? In: CAMARANO, A. A. (org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, p. 281-306, 1999.

DURAND, J. D. *The labor force in economic development: a comparison of international census data, 1946-1966*. Princeton University Press, 1975.

KURODA, T. *Age structure and aging policy: Japan's case*. Trabalho apresentado na XXIII Conferência Internacional de População. China, outubro, 1997. Japan: Nishon University, July 1997.

WAJNMAN, S., OLIVEIRA, A. M. H. C., OLIVEIRA, E. L. A atividade econômica dos idosos no Brasil. In: CAMARANO, A. A. (org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, p.181-220, 1999.